

# Vigilância Sanitária não fiscaliza Cidade

Com poucos fiscais – são 32 no total – e estrutura sucateada, o órgão municipal não consegue zelar pela qualidade dos alimentos e bebidas servidos nos mais de 100 mil estabelecimentos do ramo que operam na Capital. No ano passado, apenas 3 mil bares e restaurantes foram visitados pelas equipes

ARTHUR GUIMARÃES

O balanço do trabalho da Vigilância Sanitária na Cidade de São Paulo em 2004 revela números assustadores. Enquanto na Capital existem mais de 100 mil estabelecimentos que trabalham com alimentos – entre mercados, peixarias, bares, restaurantes, lanchonetes, açougues, hotéis, cantinas escolares, padarias e lojas de conveniência –, somente pouco mais de 3 mil vistorias foram feitas pelos técnicos da Prefeitura no ano passado, o que representa uma abrangência de cerca de 3%.

Essa baixa produtividade tem motivo. São apenas 32 profissionais disponíveis no município para realizar o trabalho de fiscalização de alimentos nos milhares de estabelecimentos paulistanos. “Nossa meta é chegar, no mínimo, a 300 agentes. É o básico para começar a trabalhar e vistoriar todos os estabelecimentos, como pretendemos”, explica Marisa Lima Carvalho, a nova coordenadora de Vigilância em Saúde de São Paulo.

Além da falta de estrutura física, a carência de material também atrapalha o funcionamento do setor. “Há problemas de carros, poucos computadores. A Cidade precisa melhorar muito para conseguir fazer um trabalho eficiente”, expli-

ca Rui Dammenhain, diretor-presidente do Instituto Brasileiro de Auditoria em Vigilância Sanitária.

Na área gerencial, os entraves também pipocam. A equipe ainda não conta com um cadastro geral dos estabelecimentos do município. “Estamos transferindo a base de dados do governo estadual. Isso será muito importante para podermos mapear os pontos comerciais. Dessa forma, no futuro, poderemos traçar estratégias mais concretas de ação”, explica Marisa.

Para os paulistanos, os efeitos desse “abandono” são sentidos na pele – ou melhor, na boca. “O déficit pode incentivar os comerciantes a descuidar das atividades essenciais de higiene, como não guardar alimentos ao lado de produtos de limpeza e não servir carnes vencidas”, ilustra Dammenhain.

No bar Matos Gama, na Avenida Celestino Bourroul, na Zona Norte, por exemplo, técnicos da Vigilância Sanitária nunca foram vistos pelo proprietário, Valdir Ribeiro, que há 10 anos serve almoço e jantar para os moradores e trabalhadores da região da Casa Verde.

“Os únicos que aparecem por aqui são os fiscais da Prefeitura. Mas não trazem aparelhos nem outro tipo de equipamento para testar a situação dos alimentos”, conta Ribeiro.



Ribeiro, do bar Matos Gama, disse nunca ter visto os técnicos da Vigilância

## Sindicato oferece curso a associados

Mesmo com o déficit na fiscalização da Vigilância Sanitária, os estabelecimentos que comercializam alimentos e bebidas em São Paulo têm formas próprias de manter um padrão higiênico no setor.

O Sindicato de Hotéis, Restaurantes, Bares e Similares de São Paulo, por exemplo, organiza periodicamente cursos e palestras para formar e treinar os manipuladores de alimentos. “São explicados os conceitos básicos em cada atividade. Além disso, procuramos mostrar ao pessoal como cada dica técnica deve ser usada na prática, no cotidiano do trabalho nos pontos comerciais”, explica Mário Fuchs, diretor de comunicação da entidade.

Nos últimos quatro anos, segundo ele, mais de 19 mil profissionais foram capacitados. “Em uma parceria com a Prefeitura, tentamos transformar todos os artigos da legislação sanitária em algo que possa ser de fácil entendimento para as pessoas”, diz.

O sindicato, além disso, também elabora diversos tipos de folhetos informativos que são entregues nos estabelecimentos da Cidade. “É uma espécie de campanha em nome das boas práticas na manipulação de alimentos. Estamos fazendo a nossa parte para atender bem os paulistanos”, afirma Fuchs.

Os interessados em passar pelos treinamentos ou em receber os folhetos, livretos e demais materiais informativos do sindicato podem ligar para o telefone 3327-2000.

### Os números da Vigilância Sanitária no Município\*

<b>100 mil</b>	estabelecimentos que lidam com alimentos
<b>3.229</b>	vistorias realizadas (3% do total)
<b>212</b>	colheitas de amostras
<b>210</b>	interdições em estabelecimentos
<b>26</b>	intedições em produtos
<b>3.644</b>	denúncias da população (não há registro de quantos casos foram atendidos)

\*Dados aproximados

“ Há problemas de carros e computadores. A Cidade precisa melhorar muito.”

RUI DAMMENHAIN, diretor-presidente do Instituto Brasileiro de Auditoria em Vigilância Sanitária

## Caminhões levam barulho e sujeira ao Jardim Japão

Subprefeitura e técnicos da CET se reúnem para discutir esses problemas. Uma das soluções pode ser a conclusão da alça de acesso à Fernão Dias

GILBERTO AMENDOLA

Na Avenida do Poeta, inspiração vira fumaça de caminhão. É que há 25 anos, o local abriga o Terminal de Cargas Fernão Dias. O tráfego constante de veículos pesados transformou todo o Jardim Japão, na Zona Norte da Capital, em “território cinzento”: sujeira, buracos, barulho e atropelamentos fazem parte do dia-a-dia de quem vive por lá. Hoje, Subprefeitura da Vila Maria e técnicos da CET irão se reunir para discutir esses problemas. Uma das soluções pode ser a conclusão da alça de acesso à Rodovia Fernão Dias.

– Na minha opinião o maior problema é... (passa um gigantesco Scania vermelho)

– O quê?

– Ninguém aguenta o... (dessa vez foi um Scania azul que passou).

– Como?

O que Benedita Rodrigues dos Santos, 64 anos, estava tentando dizer é que o barulho dos caminhões que trafegam pela Avenida dos Poetas é insuportável. “Todo dia e toda noite é a mesma coisa. Ninguém consegue dormir direito. As casas chegam até a tremer.”

Walter, que prefere não revelar seu sobrenome, assusta-se ao ver o aparecimento de rachaduras em

sua residência, na Rua Kobe. “Os caminhões estão abalando toda a estrutura da região. Isso sem falar na desvalorização dos nossos imóveis”, lembrou.

Além das casas, as ruas e avenidas da região também sofrem com o excesso de caminhões. Em diversos pontos, o asfalto (que já é muito remendado) está cedendo. A proliferação de oficinas mecânicas evidencia o problema: “Aqui o que

Em diversos pontos, asfalto está cedendo. A proliferação de oficinas mecânicas evidencia o problema

não falta é trabalho. Tem muito pneu furado, tem muita suspensão arrebentada”, contou o mecânico Jair Matos Silva, 32 anos.

As crianças são as principais vítimas dessa confusão. “A gente não consegue ficar tranquila. Os meninos acabam escapando para o meio da avenida. Já teve muitos casos de atropelamentos aqui. Tem motorista que vem com o pé embaixo”, disse Roseli Maria Gomes, 25 anos. O caminhoneiro João Luciano de Souza, 37, confirma: “Tem colega que abusa mesmo”.

Para completar o cenário de degradação, a Favela Fernão Dias está quase invadindo a Avenida do Poe-



Bairro deteriorado: lixo e entulho acumulado e caminhões estacionados na Avenida Poeta, no Jardim Japão, Zona Norte da Capital

ta. Estacionamentos clandestinos para caminhões se espalharam por lá. A sujeira e a poluição estão por toda parte. “Os moradores estão ficando cansados. Já tem gente querendo organizar manifestações aqui na região”, alertou o líder comunitário Eduardo Bizon.

Ele lembrou que no final do ano passado, a vizinhança chegou a ter alguma esperança. No último dia 13 de dezembro, a então prefeita Marta Suplicy entregou a primeira etapa da construção da alça de acesso à Rodovia Fernão Dias (obra de 800 metros de extensão que liga a Avenida João Simão de Castro à Fernão Dias, no sentido São Paulo). “Ficou faltando a conclusão das alças de acesso de quem vem pela Fernão Dias nos dois sentidos e o viaduto que interligará São Paulo e Guarulhos (km 88,7 da Fernão Dias)”, reclamou.

A obra estava orçada em mais de R\$ 10 milhões – e contava com investimentos do governo federal, Prefeitura de São Paulo e Guarulhos. Além da coordenação da CET.

Mas com o início da nova administração, as obras foram interrompidas. A Subprefeitura da Vila Maria afirmou que deve “tomar pé” dessa situação a partir da reunião que vai acontecer amanhã. Representantes da CET serão ouvidos pela administração regional.

“Esperamos uma solução rápida”, disse Bizon.





**ALVO**  
GESTÃO IMOBILIÁRIA

**VENDE PRONTO PARA MORAR**

<p><b>ITAIM</b> LOFT / 1 SUÍTE / 1 VAGA</p> <p><b>BROOKLIN</b> 2 e 3 DORMS. / 2 VAGAS</p> <p><b>MOEMA</b> 3 SUÍTES / 3 VAGAS</p> <p><b>JARDINS I</b> 3 SUÍTES / SALA ÍNTIMA ESCRITÓRIO / 3 VAGAS</p> <p><b>JARDINS II</b> 4 SUÍTES / 4 VAGAS</p> <p><b>V. MARIANA</b> 4 DORMS. / 2 SUÍTES 3 VAGAS</p>	<p><b>MORUMBI</b> COBERTURA 2 SUÍTES / 2 VAGAS</p> <p><b>3 DORMS / 1 SUÍTE</b> 2 VAGAS</p> <p><b>JD. PRUDÊNCIA</b> CASAS COND. FECHADO 4 DORMS. / 2 SUÍTES 3 VAGAS</p> <p><b>PANAMBY</b> DUPLEX / 3 SUÍTES 3 VAGAS</p> <p><b>CAMPO LIMPO</b> COBERTURA DUPLEX 3 DORMS. / 2 VAGAS</p>
---	--

**MUDE JÁ!**

**3064-0707**